

BAIACO E OSMAR: DOIS ÍDOLOS NEGROS DE SÃO FRANCISCO DO CONDE¹

Fábio Luís dos Santos Machado²

RESUMO

A proposta deste artigo é apresentar um estudo da trajetória de vida de dois meninos negros naturais de São Francisco do Conde, que realizaram o sonho de se tornarem jogadores de futebol profissional, Edvaldo dos Santos, também conhecido como “Baiaco” e Osmar dos Santos Machado. Dois jovens que se transformaram em razão do futebol, em ídolos negros da cidade e sua gente. A pesquisa está referenciada na perspectiva da História Social, que enfatiza as relações sociais e de poder presentes nos contextos em que esses personagens se moveram, dos quais fazem parte outros indivíduos mais ou menos próximos, que muitas vezes nos auxiliam na reconstituição de seus trajetos. O acervo documental que a pesquisa conseguiu coletar reúne entrevistas, registros de memória, periódicos, fotografias e objetos pessoais, localizados nos arquivos particulares desses dois atletas na cidade de São Francisco do Conde. Além dos percursos profissionais, o estudo analisa aspectos relativos à importância desses personagens como ídolos negros e o futebol como espaço formativo em seus itinerários pessoais.

Palavras-chave: atletas negros - São Francisco do Conde (BA); história social; jogadores de futebol - São Francisco do Conde (BA) - biografia.

ABSTRACT

The purpose of this article is to present a study of the life trajectory of two black boys from São Francisco do Conde, who fulfilled their dream of becoming professional soccer players, Edvaldo dos Santos, also known as “Baiaco” and Osmar dos Santos Machado . Two young men who, because of football, became black idols of the city and its people. The research is referenced in the perspective of Social History, which emphasizes the social and power relations present in the contexts in which these characters moved, which include other more or less close individuals, who often help us in the reconstitution of their paths. The documentary collection that the research was able to collect brings together interviews, memory records, periodicals, photographs and personal objects, located in the private archives of these two athletes in the city of São Francisco do Conde. In addition to professional paths, the study analyzes aspects related to the importance of these characters as black idols and football as a training space in their personal itineraries.

Keywords: black athletes - São Francisco do Conde (BA); soccer players - São Francisco do Conde (BA) - biography; social history.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado à Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Garcia Basso.

² Licenciando em Pedagogia pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um estudo da trajetória de vida de dois meninos negros nascidos em São Francisco do Conde, Edvaldo dos Santos, mais conhecido como Baiaco (1949) e Osmar dos Santos Machado (1961), que se tornaram jogadores de futebol profissional e acabaram se transformando em ídolos negros da cidade. Meu interesse em reconstituir aspectos do percurso de vida desses personagens surgiu em face da importância que eles desempenharam em minha infância e adolescência, quando testemunhei a celebração desses dois atletas como ícones locais. Osmar dos Santos Machado é irmão de meu pai, portanto, uma figura muito presente em minhas memórias afetivas desde meus tempos de menino. A minha proximidade e o contato com os arquivos particulares desses dois atletas, me motivaram a contar um pouco de suas histórias

Segundo afirma Carlos Rodrigues Brandão, a educação é uma prática cultural difusa em vários espaços da experiência social. “A educação existe onde há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado” (2007, p. 13). Como prática social ela transborda o espaço escolar.

A educação não é uma prática exclusiva da escola, a educação também ocorre fora do espaço escolar e, nesse âmbito, possui objetivos e finalidades diversos e, portanto, exige reflexões que são complementares, porém de natureza distinta. Vale lembrar que, historicamente, a educação sempre constituiu um espaço de contradições. Ao mesmo tempo em que se prestou a ratificar uma ordem estabelecida, também alimentou sonhos de mudança e, sob certas circunstâncias, até é capaz de transformar sujeitos e, conseqüentemente, a própria sociedade (MOURA e ZUCCHETTI, 2010, p. 638).³

Como modalidade esportiva e prática cultural, o futebol é uma invenção onde os times mais fracos podem vencer os mais fortes, se constituindo numa espécie de anomalia entre os esportes, no qual o imprevisível e o imponderável está sempre presente, por sua alta margem de acaso. Em razão de ser praticado num campo de jogo irregular expostos à chuva e ao vento, portanto, menos uniformes do que outros esportes coletivos como o vôlei e o basquete.

No Brasil, com a popularização da prática do futebol junto à população pobre, alguns pequenos clubes começaram a aceitar a presença de negros e operários em suas equipes. A partir da década de 1920, o esporte se oferece para alguns poucos jogadores pobres e pretos,

³ Sobre o tema das práticas educativas não escolares ver: Freire (1989, 2018), Libâneo (2005), Maturana (1999), Gohn (2005, 2006).

como um espaço social, uma fenda, uma “fresta” no muro da nova estrutura social republicana. Um território de luta e práticas culturais de resistência para burlar a herança excludente de uma sociedade escravista e desigual baseada no privilégio.⁴ Criando assim, uma brecha para que o protagonismo popular pudesse florescer, como nenhuma outra instituição republicana o fez, instaurando uma prática esportiva onde o privilégio não se apresenta antes da performance, possibilitando para aqueles que pela ludicidade e a competitividade chegassem a serem vistos e reconhecidos. Não foi o sistema escolar, as academias ou as igrejas que possibilitaram esse espaço no Brasil, mas, *o futebol e a música popular* como práticas culturais exercidas pelos subalternos nas ruas e nos espaços públicos, que acabaram criando um conjunto de saberes específicos, que se consolidaram como territórios negros de educação.

A pesquisa se serviu de duas referências que orientaram esta análise: *O negro no futebol brasileiro*, do jornalista Mário Filho (2010), que empresta seu nome ao estádio do Maracanã. Trata-se de uma obra considerada clássica sobre o tema, publicada originalmente em 1947, que mostra o indisfarçável racismo contra o negro nos primórdios do futebol brasileiro⁵; bem como *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*, do ensaísta e crítico literário José Miguel Wisnik (2008), um estudo de grande abrangência sobre o futebol, ao abordar as questões políticas, sociais, econômicas e comportamentais em torno do esporte. Aborda o futebol, como uma janela para interpretar a nação e a formação cultural brasileira, como uma linguagem não-verbal, sobre algumas de nossas forças e fraquezas mais profundas, que nos provoca à reflexão sobre questões centrais da nossa formação histórica e identitária como povo e nação. Temas recorrentes da ensaística brasileira, como a "democracia racial", o "homem cordial" e a antropofagia do influxo cultural estrangeiro, encontram neste estudo como uma espécie de drible de corpo, como as jogadas que os craques brasileiros ao longo de décadas, inventaram buscando novos caminhos para chegar ao gol e à vitória. Segundo afirma o historiador Luiz Antonio Simas:

⁴ O conceito de fresta é utilizado aqui como proposto nos estudos desenvolvidos no campo da história social da cultura pela historiadora Maria Clementina Pereira da Cunha, para analisar o samba e o carnaval no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. Ver: Cunha (2001, 2002).

⁵ A última edição da obra traz o prefácio de Gilberto Freyre à primeira edição, um texto de Edison Carneiro para as orelhas da segunda edição, o de João Máximo para as orelhas da terceira edição. A publicação traz ainda, um caderno especial com a trajetória de Mario Filho, assinada pelo neto e jornalista Mario Neto, com fotos e perfis de alguns dos primeiros craques negros e mulatos do futebol brasileiro, com o texto assinado pelo historiador Gilberto Agostino. Este caderno chega ao final com a história da imagem da capa, do artista plástico Rebolo. O texto das orelhas é assinado pelo historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva, professor titular da UFRJ, e o prefácio de autoria do cientista político Luís Fernandes, professor na PUC-Rio e UFF, que situa a obra de Mario Filho no mesmo plano dos grandes textos interpretativos da formação social brasileira, como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e *Os Donos do Poder*, de Raymundo Faoro.

O futebol ocupa privilegiado na produção da identidade nacional e na invenção daquilo que caracterizaria, entre batuques e balangandãs, um idealizado “ser brasileiro”. Na construção da brasilidade, o futebol percorre trajetória inversa à percorrida pelo samba como componente daquilo que nos caracterizou no imaginário como povo. [...] O samba é neto do Congo. Daquela região africana saiu a célula rítmica que preencheu de vida o vazio da síncope dos corações secos pelo ventre dos porões da escravidão. E veio o samba, que se transformou em corpo sonoro dos corpos insubmissos. Compreendido como manifestação oriunda das culturas subalternizadas, o samba mora nas encruzilhadas e se reelabora a partir da tragédia da diáspora como um empreendimento gingado de subversão da morte. O futebol faz caminho inverso, de arco retesado na direção da Europa que, entretanto, acaba lançando uma fecha-bumerangue, aquela que malandramente volta na direção daquele que a lançou. O filho de inglês Charles Miller trouxe a bola de couro e as chuteiras, que acabaram nos pés de Mané Garrincha, índio fulni-ô que driblava com passos de boiadeiro laçador na frente dos tambores, encantando o chão com o laço de domar touro brabo (2020, p. 111, 112).

O tal jogo britânico de corpos disciplinados e contato físico, semelhante à lógica inclemente do trabalho nas fábricas, “introduzido aqui como lazer de jovens das camadas dominantes e imigrantes ingleses, foi macumbado⁶ pelos corpos lanhados por chibatadas e ganhou múltiplos significados” (SIMAS, 2020, p. 112).

O estudo está referenciado na perspectiva da História Social, que enfatiza as relações sociais e de poder presentes nos contextos em que esses personagens se moveram, dos quais fazem parte outros indivíduos mais ou menos próximos. Tal caminho investigativo, além de iluminar aspectos particulares de experiências de vidas específicas, servem como guias para “conhecer uma época, uma sociedade e em particular os homens e mulheres que compunham as redes de relações a que pertenciam os biografados, com suas diferenças étnicas, suas hierarquias sociais e econômicas, suas instituições e práticas culturais” (REIS, 2008, p. 17). As fontes documentais que a pesquisa conseguiu coletar, está assentada em entrevistas, periódicos (jornais e revistas), fotografias e objetos pessoais dos arquivos particulares de Edvaldo dos Santos (Baiaco) e Osmar dos Santos Machado, ambos residentes em São Francisco do Conde, que me foram parcialmente disponibilizados. Além deles, foram realizadas buscas em sites e arquivos de revistas esportivas, para a garimpagem de informações e documentos que pudessem de algum modo auxiliar na reconstituição do percurso profissional desses dois atletas.

⁶ Vale destacar, que o conceito de Macumbeiro é tomado aqui como definição de caráter brincante e político, buscando subverter sentidos preconceituosos atribuídos ao termo, admitindo assim, impurezas, rasuras e contradições como categorias fundantes de uma maneira encantada de se perceber e ler o mundo. Segundo Simas e Rufino, a expressão macumba muito provavelmente tem origem do quicongo *kumba*: feiticeiro (o prefixo “ma”, no quicongo, forma o plural). Kumba também poderia designar os encantadores das palavras, os poetas. Nesse sentido, macumba seria, assim, a terra dos poetas do feitiço; os encantadores de corpos e palavras que podem fustigar e atazanar a razão cartesiana intransigente e propor maneiras outras e plurais de reexistência pela radicalidade do encanto, em face dos limites gerados pela retidão castradora do mundo como experiência singular de morte. Sobre o tema ver: Simas; Rufino (2018) e Lopes; Simas (2021).

O artigo está dividido em três partes, a primeira visa apresentar informações sobre a trajetória de vida dos nossos dois personagens, bem como alguns aspectos relativos às suas origens sociais e contextos até se tornarem jogadores de futebol profissional. A segunda aborda as experiências de Baiaco e Osmar no futebol como lugar de afirmação profissional e emancipação social, e na última seção do texto, busca-se tratar da trajetória escolar desses personagens e como o futebol serviu para ambos como um espaço formativo.

2 A TRAJETÓRIA DE VIDA DE BAIACO E OSMAR

Edvaldo dos Santos, mais conhecido como Baiaco, nasceu em 07 de janeiro de 1949, na cidade de São Francisco do Conde-Ba, um menino negro, filho de Paulo Manoel dos Santos e Lealdina Xavier dos Santos, o segundo filho de uma linhagem de oito irmãos. Desde a infância, sempre manifestou o desejo de se tornar jogador de futebol. Sua meninice fora marcada por uma vida sofrida e batalhadora, sua mãe saía com seu tabuleiro para vender suas famosas cocadas pelas ruas da cidade de São Francisco do Conde, para auxiliar no sustento da família. Filho de um casal de origem negra e pobre, buscou nas peladas do município, ganhar algum dinheiro para ajudar nas despesas de casa. Era visível sua vocação e talento aos olhos da população que assistiam a cada pelada que o jovem Baiaco participava.

Em seus registros de memória, conta que iniciou sua trajetória jogando futebol na rua, na praia do mercado de São Francisco do Conde, numa localidade conhecida como Pacaembu, onde conseguiu atrair os olhares dos dirigentes do Sport Clube Bahia.⁷ Segundo suas reminiscências, ao receber o convite para integrar o elenco de jogadores profissionais de futebol do Bahia, ele fizera uma exigência, que seu amigo Caetano dos Santos Machado, irmão de Osmar Machado e funcionário público municipal de São Francisco do Conde para que o acompanhasse. O pedido foi aceito pelo clube, e ambos começaram suas trajetórias como atletas contratados do escrete baiano. Todavia, durante esse percurso inicial, Caetano obteve melhor sorte, conseguindo se destacar e ascender à condição de atleta titular do time, o que não ocorrera com seu amigo. Contudo, Caetano não prosseguiu sua carreira como jogador de futebol profissional, optando por continuar como funcionário público concursado na sua cidade.

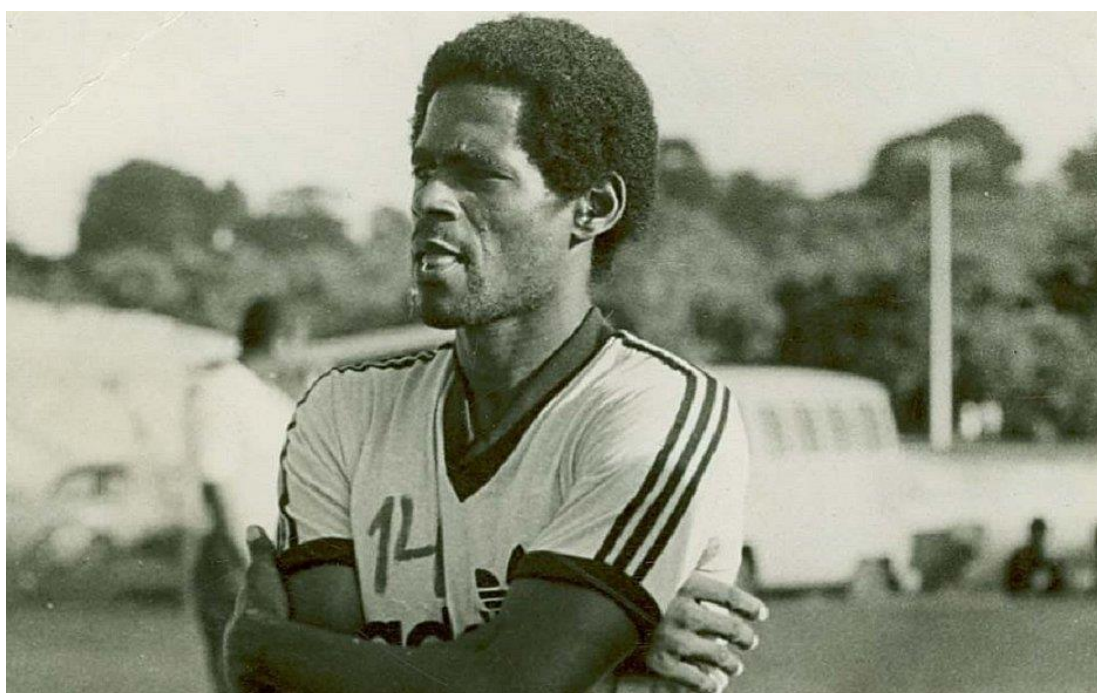
Contrariado, Baiaco chegou a pensar em pedir dispensa do clube, não se interessando mais em fazer parte da equipe na condição de reserva. No entanto, em face dos contratos que

⁷ As fontes documentais utilizadas na reconstituição do percurso de vida desses dois jogadores, foram baseadas em informações colhidas em entrevistas, jornais e fotografias dos acervos pessoais dos personagens estudados.

ambos obtiveram com o clube, ele não podia abrir mão do seu salário como jogador profissional, pois, o sustento de sua família dependia desse vínculo, então, resolveu permanecer. O fato que possibilitou a chegada de Baiaco ao time titular do Bahia, se deu em razão de um acidente de carro ocorrido com um jogador chamado Amorim, que se lesionou, abrindo assim, a oportunidade de Baiaco substituí-lo na equipe principal.

A renda que vinha da sua atuação como futebolista, proporcionou a compra de uma casa para sua mãe na sua cidade natal, na rua Ministro Bulcão Viana no centro de São Francisco do Conde. Hoje, nessa casa moram irmãos, sobrinhos e parentes próximos. O sucesso na carreira, viabilizou a compra da sua casa própria, na qual viveu, com sua esposa Isaura Antônia Silva dos Santos “Dona Zazá”, já falecida a quinze anos, e seus seis filhos. Sem ter tido acesso ao ensino regular, Baiaco foi aluno de Dona Dodô, professora leiga do município que ensinava em sua casa as crianças. Lembra ainda, que a professora aplicava castigos como ficar de joelhos na frente da porta, porém, tais procedimentos, nunca o impediram de fugir para ir jogar bola na prainha. Conta-nos que algumas vezes, Dona Dodô fora buscá-lo para retomar a lição.

Imagem 1 - Baiaco em treino no Sport Clube Bahia

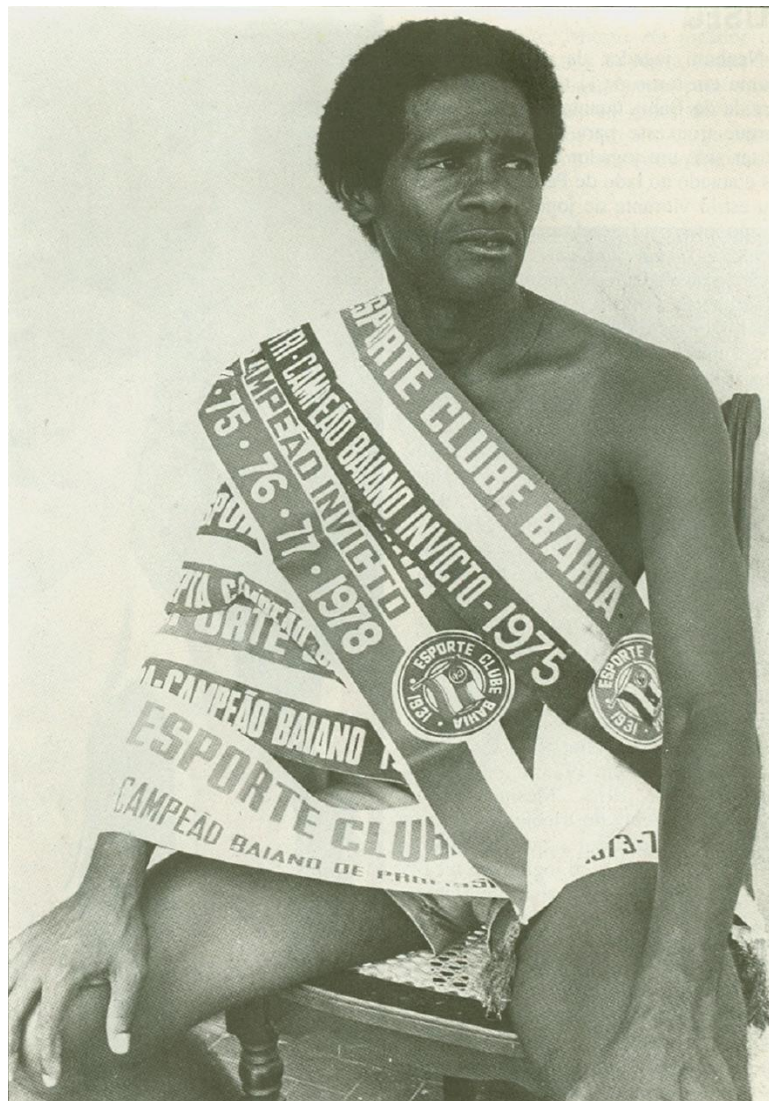


Fonte: Arquivo do *Jornal Correio da Bahia*)

Como jogador profissional sempre contou com o apoio da família, pois, antes do seu ingresso no time do Bahia, teve uma passagem pelo time do Internacional (clube amador), jogando com seus amigos, Zé Vitor, Caetano, Bagaçada e Manoel, os quais fizeram parte de

sua história em sua trajetória dentro do esporte, aposentando-se aos 34 anos com dez títulos conquistados ao longo deste período, guardando recordações como: faixas, troféus e medalhas em sua residência.

Imagem 2 - Baiaco e suas faixas de campeão estadual



Fonte: Arquivo do *Jornal Correio da Bahia*).

Osmar dos Santos Machado, nasceu em 18 de abril de 1961, também na cidade de São Francisco do Conde, filho de José Francisco Machado e Julieta dos Santos Machado, ambos falecidos, pai de três filhos. Não concluiu o ensino médio, frequentando o Curso de Técnico em Contabilidade até o terceiro ano, porém, não conseguiu prosseguir estudando em face das suas atribuições como atleta profissional de futebol.⁸ Sua carreira foi bastante diferente da carreira

⁸ Tais informações estão baseadas em entrevista por mim realizada com Osmar dos Santos Machado, no dia 14 de junho de 2022.

de Baiaco. Iniciou sua trajetória no esporte após ter recebido um convite de um jogador chamado Juarez, que na época já atuava como profissional, realizou treinamentos num time chamado Ypiranga Futebol Clube e após um período curto, foi aprovado e convidado a realizar a assinatura de contrato de trabalho. Ainda menor de idade, não pôde fazer a assinatura, tendo que recorrer a seu irmão Valtinho, para que ficasse responsável até que alcançasse a maioridade.

Osmar começou jogando na categoria de júniores e no ano de 1981, se profissionalizou. Em 1982 foi emprestado para um time chamado Galícia Esporte Clube, realizando uma excelente campanha, sendo a revelação da equipe, o que o levou a ser contratado pelo Sport Clube Bahia. Devido a uma lesão na perna direita, teve que ficar três anos afastado dos campos, tendo que se submeter a duas cirurgias. Em seu retorno, sofreu uma fratura, que o afastou por mais um período da prática do futebol. Recuperado, voltou aos campos para defender o time do Bahia.

Imagem 3 - Osmar dos Santos Machado



Fonte: Acervo pessoal do jogador.

A partir daí sua carreira foi muito bem sucedida, conheceu vários estados e municípios brasileiros, jogando e conquistando vários títulos como atleta profissional, o maior e mais importante de todos, foi o Campeonato Brasileiro pelo time pelo Sport Clube Bahia, no ano de 1988, no qual teve grande destaque, ampliando seu prestígio com atleta e possibilitando novas e importantes contratações.

Imagem 4 - Elenco do Sport Clube Bahia - Campeão Brasileiro de 1988



Botoesmania.blogspot.com

Fonte: anotandofutbol.blogspot.com

Ao longo desse percurso, contou sempre com o apoio de sua família e amigos para a realização do seu sonho. Conta que ganhou muito dinheiro, mas nada comparado aos contratos dos dias atuais. Destaca que os jogadores de hoje, são muito mais bem remunerados e reconhecidos. Acredita que o avanço tecnológico, vem contribuindo para essa expansão desse reconhecimento dentro do esporte, onde as informações chegam com muito mais rapidez, diferentemente de quando ele atuava. Osmar se aposentou em 2002, aos 41 anos de idade, com muitos títulos conquistados ao longo de toda sua carreira. Em sua casa, mantém um acervo composto de troféus, medalhas, camisas, recortes de jornais e revistas, bem como um rico arquivo fotográfico que registram sua trajetória em vários clubes brasileiros.⁹

Esses dois franciscanos ilustres, não chegaram a jogar juntos, quando o jovem Osmar começou a sua carreira como jogador de futebol, Baiaco estava já se aposentando. Nos relatos

⁹ Osmar dos Santos Machado, ao longo da sua carreira, atuou como jogador profissional nos seguintes clubes: Ypiranga Futebol Clube, Galícia Esporte Clube, Esporte Clube Bahia, Fluminense de Feira Futebol Clube, Fortaleza Esporte Clube, Ceará Sporting Club, Paysandu Sport Club, Paraná Clube e Iraty Sport Club.

de Osmar, ele conta que quando Baiaco estava às vésperas de encerrar sua carreira como jogador profissional, ainda lhe foi oferecido um contrato, mas ele recusou. Ambos, continuam muito vivos na memória da cidade, sendo homenageados em São Francisco do Conde, bem como em cidades vizinhas, pelo reconhecimento da relevância e representação desses dois personagens como jogadores de futebol.

Imagem 5 - A esquerda Emo, no centro Baiaco e a direita Osmar, todos ex-jogadores do Esporte Clube Bahia, homenageados recentemente na sede do Clube



Fonte: Arquivo do *Jornal Correio da Bahia*.

3 DAS PELADAS AOS CAMPOS DE FUTEBOL

O futebol como esporte comporta múltiplos registros, estilos diferentes e até opostos, gêneros narrativos diversos, que parecem conter vários jogos dentro de um único jogo. Segundo José Miguel Wisnik, “o fato de ter se tornado o esporte mais jogado no mundo inteiro, como um modelo racional e universalmente acessível que fosse guiado por uma ampla margem de diversidade interna, capaz de absorver e expressar culturas” (WISNIK, 2008, p. 14). Ele também é considerado pelas camadas populares não apenas como um esporte, mas também

como caminho de se tornar um ídolo e ascender socialmente. Por conta das desigualdades de oportunidades existentes na sociedade, o esporte se apresenta como uma possibilidade de profissão e de melhoria das condições de vida dos que se dedicam a ele, ainda que em diferentes níveis de realização e de competência.

A popularização da prática do futebol, com as “peladas” nas ruas, quadras de lazer ou campinhos de areia, revelaram atletas de habilidade incontestável, que atraíram o interesse dos clubes de elite do futebol brasileiro. A crescente competição entre esses clubes ajudou a derrubar as barreiras postas à participação de jogadores vindos das classes menos favorecidas, sobretudo negros, que marcaram decisivamente a história do futebol brasileiro.

Para o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, o futebol é sobretudo uma linguagem, comparando os jogadores de futebol italianos com os escritores seus contemporâneos, fazia analogias entre os estilos e as atitudes inerentes aos seus “discursos”.

Mais do que isso, falava, escrevendo em 1971, de um futebol jogado em prosa, predominante na Europa, e de um futebol jogado como poesia, referindo-se ao futebol sul-americano, e, em particular, ao brasileiro. Essas ideias, que se tornaram mais conhecidas recentemente, foram muitas vezes banalizadas e reduzidas à superfície, sem que se atentasse para o alcance inédito das suas sugestões. Apesar de seu caráter apenas indicativo, Pasolini não falava de poesia no sentido vago e costumeiro de uma “aura” lírica qualquer a cercar o futebol. Também não estava projetando “conteúdos” narrativos para dentro do campo. Em vez disso, influenciado, e não sem humor, pela voga semiológica da época, identificava processos comuns aos campos da literatura e do futebol: pode-se dizer que via na prosa a vocação linear e finalista do futebol (ênfase defensiva, passes triangulados, contra ataque, cruzamento e finalização), e na poesia a irrupção de eventos não lineares e imprevisíveis (criação de espaços vazios, corta-luzes, autonomia dos dribles, motivação atacante congênita). Sugeriu com isso, pela via estética, uma maneira de abordar o jogo por dentro, e nos dava, de quebra, uma chave original para tratar da singularidade do futebol brasileiro (WISNIK, 2008, p. 13).

Para além da plasticidade, o futebol tornou-se uma forma de expressão do brasileiro, pois, durante o jogo extravasamos emoções como: felicidade, ódio, amor, ansiedade, nervosismo, alívio e muitas outras. O fato de uma rápida ascensão social por meio do esporte também mexe com o imaginário das pessoas, pois em poucos anos um adolescente pode se tornar milionário com um bom desempenho esportivo. É tanto que muitos meninos de famílias pobres jogam com o objetivo de conseguir dinheiro para oferecer uma boa qualidade de vida à família. Isso aproximou mais ainda o futebol das camadas mais pobres da sociedade tornando-o cada vez menos elitista.

No Brasil, ele se consolidou como um dos meios esportivos que oferece maiores chances para que indivíduos com pouca escolarização e qualificação profissional alterem sua posição na estrutura social, garantindo seu sustento e prestígio. Além disso, ensina valores, mostra que

quando unidos, a vitória está mais próxima; que quando temos disciplina, foco e persistência, não existe adversário que possa nos parar; que a amizade, a simplicidade e o companheirismo, são mais importantes do que a conta bancária.

Há alguns anos atrás os adolescentes praticavam o futebol por puro prazer, começavam nos campinhos de terra e iam até os campos gramados, utilizavam muita a imaginação, pois muitos não tinham dinheiro para comprar uma bola oficial então jogavam com uma bola improvisada chamada de bola de meia, para se tornar um atleta de futebol de campo profissional ele deve ter o dom. A palavra “dom” pode ser explicada como habilidade, talento, algo inato, uma dádiva divina: a habilidade pode ser explicada pelo talento, o talento é explicado como uma característica inata, e se nasce com ele, isso deve ser uma dádiva divina, exclusiva de cada jogador.

A vida profissional de um jogador de futebol profissional, em geral vai até os 35 anos de idade, onde o atleta começa a sentir que vai ter que se aposentar como atleta. Muitas vezes, não está preparado para isso, o jogador de futebol que alcançou seus objetivos é o que está mais preparado para deixar a vida como atleta e buscar se inserir em outro mercado de trabalho. Segundo Scaglia (1996) o que no passado era privilégio das prefeituras e clubes, nos dias atuais está sendo explorado com fins lucrativos, por agências ex. atletas que se foram consagrados utilizam o seu prestígio para atrair alunos nas escolinhas em que estão fazendo disso uma relação comercial através do esporte.

Nos dias atuais não é possível encontrar atletas com características de driblador do estilo que existia há alguns anos atrás. De acordo com Scaglia (1996) nos dias atuais o sistema não deixa o adolescente praticar o futebol como ele deseja e sim como o sistema obriga. Isso acontece porque nos dias atuais o auto rendimento está em qualquer clube ou escolinha de futebol, visto que se não houver resultado positivo não se consegue incentivo financeiro e tão pouco uma equipe continuará existindo se não proceder conforme o sistema existente.

Nascimento *et. al.* (2015), reconhecem que o futebol exerce um papel social relevante, ao gerar tanto entretenimento, quanto emprego e renda. Assim, a continuidade operacional das entidades esportivas é importante não somente para o clube, mas também para a sociedade como um todo. E a gestão de carreira de um profissional de futebol pode contribuir para manter esta relevância.

As carreiras são observadas de variadas formas nas diferentes gerações, o que motiva estudos sobre elas para ao menos chegar-se em um consenso quanto ao perfil de cada uma. A realização profissional envolve o esforço despendido pelo indivíduo para viver de acordo com as metas de carreira que estabeleceu para si. Desse modo, podemos afirmar que a realização

profissional está diretamente ligada ao sucesso na carreira escolhida. A carreira é uma questão muito importante para o futuro, porque as rápidas mudanças no trabalho e nas organizações enfatizam atividades que exigem mais flexibilidade, permeadas por redes mais complexas de relações.

A rotina árdua dos candidatos a atletas profissionais exige, na maior parte das vezes, uma renúncia de grande parte das atividades comuns da vida social de um jovem. A busca por esta profissionalização pode ser iniciada antes mesmo dos 12 anos de idade, mesmo com a divulgação desses dados, a busca pela profissionalização no futebol ainda continua sendo um sonho, dos jovens de nossas categorias de base. Não há nada de errado em sonhar ser jogador profissional, nem convergir esforços na tentativa de atingir essa meta. Porém, o número quase irrisório de vagas para a carreira profissional, impõem aos jovens o abandono ou a interrupção da sua trajetória escolar, já que não conseguem conciliá-la com os treinos pesados. Acompanhando essa realidade, temos ainda os problemas relacionados ao período de transição da carreira.

Em seus relatos, Osmar e Baiaco afirmam que eles não se afastaram de suas famílias e amigos para ingressarem no mundo do futebol, porém, destacam que as coisas foram difíceis por conta da rotina que a profissão exigia. Destacam que em decorrência da visibilidade trazida pela mídia esportiva, o sucesso de alguns jogadores, faz com que muitos jovens, seduzidos pela possibilidade de independência financeira, sejam incentivados por seus parentes, nas suas carreiras como jogadores de futebol profissional.

Baiaco não obteve passagens por muitos clubes, sua trajetória no futebol foi marcada como atleta do Esporte Clube Bahia. O apelido de Baiaco, foi dado por sua avó Masulina, quando era criança, inusitadamente, inspirado no peixe baiacu.

Jogando na posição de volante, ficou conhecido como o “homem que parou Pelé”. Baiaco se notabilizou pela garra e determinação mostradas em campo e pela identidade que tinha com a torcida. Participou de toda campanha da conquista do Heptacampeonato Estadual e Campeão Baiano nos anos de 1970-1971.

Um dos fatos curiosos da carreira de Baiaco foi a partida contra o time do Santos de Pelé, na Fonte Nova, em 16 de novembro 1969. O rei Pelé possuía durante toda sua carreira 999 gols, buscando naquele jogo a marca histórica do milésimo gol. O estádio inteiro vivia a expectativa de presenciar um momento único do futebol mundial assistir a mais um show do atleta do século. Só que esqueceram de avisar a Baiaco. O craque tricolor ignorou o fato de estar atuando contra o maior jogador de todos os

temos e simplesmente anulou Pelé. Insatisfeito em parar o Rei, Baiaco ainda marcou o gol do Bahia no jogo, que terminou empatado em 1 a 1.¹⁰

Além da sua marcação cerrada em Pelé, Baiaco ficou conhecido como aquele jogador que impediu o tão esperado milésimo gol do Rei. O próprio Pelé reconheceu a sua grande atuação do atleta baiano, comentando no final do jogo, sobre o bom desempenho de Baiaco.

A condição de jogador de futebol profissional na década de 1980, foi uma opção de trabalho para Baiaco, que pôde garantir a sua ascensão financeira, abrindo possibilidades para ele conseguisse comprar uma casa para sua mãe, onde hoje, é sua residência.

Já Osmar, jogou em diversos clubes, com vários títulos como profissional de futebol. Ele relata que o futebol possibilitou a ele auxiliar sua família e melhorar a sua qualidade de vida na época. Quem viveu naqueles dias garante que Salvador nunca viveu uma comemoração do título brasileiro do Bahia de 1988, o que na verdade ocorreu no início de 1989. Comandado pelo técnico Evaristo de Macedo e alguns dos maiores ídolos de sua história como: Charles, Zé Carlos, Osmar e Bobô, o Bahia derrotou o time do Internacional, consagrando-se Campeão Brasileiro. Relata Osmar que inicialmente não fazia parte da equipe titular, mas garante que com suas entradas ajudava com os mais belos passes para a concretização dos gols que levou o time ao triunfo, consagrando-se titular absoluto nos Campeonatos Baianos posteriores. Para Osmar todos os títulos são importantes, mas o sonho de todo e qualquer jogador é de se profissionalizar e ser campeão brasileiro.

No Brasil, várias entidades são reconhecidas, mas os clubes profissionais de futebol possuem um prestígio maior no meio por ser a ponta da profissionalização. Contam com a torcida que mobiliza o clubismo, possuem relações e envolvimento com empresas e empresários interessados em manter os jovens em vitrines que garantam maior exposição, almejando dentro de um processo produtivo ter como consequência receber propostas e o retorno do investimento feito nos atletas. Isso faz os clubes organizarem sua estrutura para receber os jovens como entidades formadoras voltadas para o alto rendimento

Sabe-se que os atletas da categoria de base sonham com a tão almejada carreira profissional e para que esse objetivo seja alcançado precisam passar por vários processos ao lidar com um conjunto de conquistas e frustrações. No alto rendimento, o atleta precisa ter preparo técnico, tático, físico, psicológico e sócio afetivo. De todos esses fatores, consideramos

¹⁰ Trecho do texto: *Quem é Baiaco*, publicado em 02 de junho de 2005, disponível no sítio eletrônico, esporteclubebahia.com.br – notícia.

o fator psicológico o mais importante não só na fase de formação, mas também na consolidação e no declínio do jogador. Daí a influência do contexto familiar como base para estes atletas.

4 O FUTEBOL COMO CAMPO DE APRENDIZADO

Nas duas primeiras décadas do século XX, em razão da sua origem elitista o futebol criou uma espécie de "culto ao estudante", em que ser jogador de futebol passou a ser visto como sinônimo de ser estudante, portanto quem não fosse estudante, não servia para jogar futebol. Mesmo o estudante, ao se formar, deveria deixar de jogar, não era socialmente aceitável que um médico ou um advogado formado continuasse a correr atrás de uma bola. Cooptada pela crença do "culto ao estudante", a liga dos clubes criou medidas para dificultar a participação de quem não fosse estudante nas competições oficiais, através de normas que visavam excluir jogadores pobres, negros e analfabetos.

Um dos critérios estipulados para garantir os objetivos de seletividade das normas do futebol foi a assinatura da súmula. Somente poderiam participar dos jogos quem não fosse analfabeto e pudesse assinar seu nome na súmula. Essa medida dificultou a vida de muitos craques pobres, oriundos dos pequenos times. Muitas vezes, "descobria-se um jogador numa pelada, num clube de subúrbio, saber jogar futebol ele sabia, não sabia era ler e escrever" (FILHO, 2010, p.111). Os clubes pequenos se articularam para contratarem professores especificamente para ensinar os jogadores analfabetos a rabiscarem seus nomes nas súmulas, por mais trabalhoso que isso pudesse ser.

O futebol se tornou o esporte mais praticado no mundo, onde os jovens puderam desfrutar desta prática como forma de lazer, almejando futuramente a carreira profissional. Quando está relacionado com a escola, geralmente o aluno descobre nas aulas de Educação Física, o gosto pelo esporte, sendo o futebol a modalidade principal a ser praticada. Mas, para Baiaco e Osmar a escola não desempenhou esse papel, muitos desafios foram superados, muitas batalhas com quebras de paradigmas foram necessárias para o avanço deles como profissionais de futebol. Sonhadores, acreditaram nos seus sonhos e comemoraram a vitoriosa realidade de se profissionalizar e progredir dentro do esporte. Para eles, o futebol foi "o terreno em que se dava ainda o grande teatro e o rito da presença, expondo ao vivo, em corpo e espírito, um largo espectro da escala humana". Sendo assim, uma zona de contatos lúdicos, primária e refinada, física e metafísica, que desafiou e desencadeou o desnudamento da existência autêntica. Nesse sentido, destaca José Migujel Wisnik que Passolini "afirmava que jogar futebol era um dos seus

maiores prazeres, junto da literatura, do *eros* e do cinema, além de ser, como para Albert Camus ou Eugenio Evtuchenko, um campo de aprendizado total, uma espécie de romance de formação (2008, p. 15).

Aqui não estamos falando da educação de sala de aula, mas sim de uma educação que se deu em suas experiências sociais e profissionais de ambos no mundo do futebol. A Constituição Federal, em seu artigo 205, ressalta que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família. Será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Ela é um direito subjetivo, inalienável e que deve ser garantido a todos os indivíduos. A educação existe mesmo onde não há escolas, extrapolando os muros das instituições de ensino, ao longo da história, para a potencialização de pessoas e comunidades como sujeitos e coletivos de direitos e de deveres.

Filhos de pais negros, os jovens jogadores não alcançaram na época, um nível elevado de escolaridade. Baiaco somente frequentou o ensino primário, enquanto Osmar teve acesso até o terceiro ano do segundo grau, no curso de Técnico em Contabilidade, muito embora, não tenha conseguido concluí-lo. Levando em consideração que o processo educativo é complexo e fortemente marcado pelas variáveis sociais, podemos destacar a interação dialógica entre a escola e a vida, consolidando-se assim, como via para o desenvolvimento humano, o conhecimento e a cultura.

O futebol faz parte da identidade do país, considerado uma paixão nacional. Por este motivo, jovens acabam abandonando seus estudos em busca do profissionalismo. Sabemos que a educação é um direito fundamental de todos, sendo que na prática não acontece dentro do esporte. Os jovens jogadores de São Francisco do Conde, tiveram que percorrer um longo processo seletivo, cheios de obstáculos que envolveu o abandono dos estudos, cobranças cada vez mais severas por parte dos clubes nos treinamentos e competições, dificultando desta forma, a permanência na escola.

E foi através deste processo de formação que Baiaco e Osmar conseguiram não só ascenderem socialmente, mas o reconhecimento como ídolos negros como jogadores de futebol. A partir das suas conquistas dentro do futebol, eles puderam adquirir seus imóveis, o sustento e o bem estar de suas famílias. Baiaco atingiu o reconhecimento por ser o jogador recordista em partidas pelo Bahia com 448 aparições, 13 gols em 13 anos, melhor frente de zaga, lembrado em uma pré-lista da Seleção Brasileira em 1974. Como decacampeão baiano, uma das suas exigências para permanecer no Bahia, foi a aquisição de um apartamento no bairro da Pituba

em Salvador, próximo ao Colégio Militar, além da aquisição da casa da sua mãe e da sua própria casa. Encerrando sua carreira aos 34 anos de idade no ano de 1980.

Osmar em seus relatos de memória não menciona a aquisição de bens materiais realizados ao longo da sua carreira, mas deixa claro que tudo que tem hoje, foi fruto de uma longa caminhada dentro do futebol. Nos periódicos de seu acervo particular, encontramos valiosas reportagens sobre sua carreira profissional. O Jornal A Tarde, do dia 27 de maio de 1982, faz a seguinte publicação: “Osmar abriu a contagem, num bonito gol para o Galícia. No dia 13 de outubro de 1982: O Galícia surpreendeu o Vitória com gol de Osmar. O neguinho Osmar já é considerado a maior revelação do campeonato baiano”. No dia 7 de novembro de 1983: “Quem pagar mais, leva Osmar. Galícia sem dinheiro, Vitória, Bahia, Catuense e Vasco estão na disputa”.

Ele acabou sendo contratado pelo Bahia, mas se contundiu, ficando fora dos campos por três longos anos até a realização da sua primeira operação dia 23 de maio de 1984, e a segunda em 20 de agosto do mesmo ano. Em 1987, retornou aos gramados, guardando as recordações boas e ruins, as quais ele sempre gosta de relembrar. Relata que todas as suas conquistas foram muito importantes, mas o Campeonato Brasileiro em 1988, pelo Esporte Clube Bahia, foi a mais preciosa conquista dentro da sua carreira, bem como sua família, como um presente de Deus, que classifica como a razão do seu viver no presente.

O estudo da trajetória de vida desses personagens, deixa-nos entrever a construção histórica das diferenças que ultrapassa as características observáveis a olho nu. Envolve a construção de um sujeito social que, ao longo de um processo histórico e cultural, buscou sua afirmação no contexto de relações de poder. Nessa direção, nos faz ver, que de maneira geral a escolarização é apenas um dos recortes do processo formativo dentro do contexto das relações sociais que constituímos nosso lugar no mundo, marcadas por nossas experiências, valores, representações e identidades. Denotando a importância das oportunidades, para possibilitar a realização das condições indispensáveis ao desenvolvimento de cada sujeito, sobretudo no combate contra o racismo e as desigualdades sociais, que os jovens negros de São Francisco do Conde, que se conseguiram se tornar jogadores de futebol profissional exemplificam tão bem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a trajetória de vida de Baiaco e Osmar, mostra a potencialidade que os estudos de itinerários pessoais podem colaborar para acessarmos e conhecermos melhor uma

época e os contextos socioculturais em seus personagens viveram. Nesse sentido, a vida de Baiaco e de Osmar, merece ser mais validada e valorada, em face da importância de suas experiências pessoais para a história do futebol baiano e da memória de São Francisco do Conde. Seus percursos de vida, acabaram por revelar a importância do futebol não só como modalidade esportiva, mas também como um caminho em suas vidas de luta e realizações. Vale destacar ainda, que o futebol como prática cultural esteve sempre intimamente ligada ao processo formativo desses sujeitos, que como atletas e personagens negros deixaram um legado, que servem na atualidade, como referências positivas à formação das novas gerações de meninos e meninas de São Francisco do Conde, na luta antirracista pela educação e o esporte como um direito e como horizonte para novos e outros destinos.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (2007). **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. (2001). **Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). (2002). **Carnavais e outras f(r)estas**. Campinas: Editora da Unicamp.
- FREIRE, Paulo. (1989). **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis-RJ: Vozes.
- FREIRE, Paulo. (2018). **Pedagogia do compromisso: América Latina e Educação Popular**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- FILHO, Mario. (2010). **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad.
- GOHN, M.G. (2005). **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 2.ed. São Paulo, Cortez.
- GOHN, M.G. (2006). **Educação não-formal: participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: Avaliação, Políticas Públicas e Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar.
- LIBÂNEO, J. C. (2005). **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo, Cortez.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. (2021). **Dicionário da história do samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MATURANA, H. (1999). **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. (2010). **Educação além da escola: acolhida a outros saberes**. Cadernos de Pesquisa, v.40, n.140, p. 629-648, maio/ago.

NASCIMENTO, J. C. H. B.; NOSSA, V.; BERNARDES, J. R.; SOUSA, W. D. (2015). **A eficiência dos maiores clubes de futebol brasileiros: Evidências de uma análise longitudinal no período de 2006 a 2011**. Revista Contabilidade Vista & Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 137- 161, maio/ago.

REIS, João José. (2008). **Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. (2018). **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Morula.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. (2020). **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

WISNIK, José Miguel. (2008) **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.

SCAGLIA, Alcides Jose (1996). **Escolinha de futebol: uma questão pedagógica**. Revista Motriz, - Volume 2, Número 1, junho de 1996, p. 36 – 43.